

NANCY ASTOR, a viscondessa nascida na América, podia competir com qualquer um. Quando, em dezembro de 1919, foi a primeira mulher a ingressar na Câmara dos Comuns da Inglaterra, muitos de seus membros ressentiram-se da sua presença. Durante dois anos Winston Churchill tratou-a com frieza. Mais tarde, Lady Astor perguntou-lhe porquê. Churchill deu-lhe uma explicação franca:

—Quando a senhora entrou para a Câmara dos Comuns, senti como se uma mulher houvesse entrado em meu banheiro e eu não tivesse nada com que me proteger a não ser uma esponja de banho.

Ao que Nancy respondeu:

—Nunca lhe ocorreu que sua aparência poderia ser proteção suficiente?

Nos comícios,

Meu Tipo Inesquecível



naqueles primeiros tempos, antifeministas impertinentes freqüentemente tentavam embaraçá-la com perguntas. Uma mulher perguntou a Lady Astor se desejava modificar as leis do divórcio. A pergunta feita, aparentemente, encerrava uma alusão velada ao infeliz divórcio de Nancy muitos anos antes. Súbitamente, com grave solicitude, Nancy replicou:

—Minha senhora, lamento saber que a senhora está em dificuldades.

A multidão riu às gargalhadas e a importuna fugiu do comício.

Outro inquiridor importuno tentou uma vez confundi-la com uma zombaria.

—Ei, dona, quantos dedos tem um pé de porco?

A resposta de Nancy foi memorável:

—Tire a botina, homem, e conte você mesmo.

A Vivaz Viscondessa. Encontrei Nancy Astor pela primeira vez em 1922, quando entrei para o Parlamento. Naquela época ela já era uma instituição na Câmara—uma mulher pequenina e elegante, de rosto expressivo e irradiando o entusiasmo e a vivacidade que não lhe permitiam permanecer em silêncio quando os membros da Câmara diziam coisas que ela considerava tolices.

“Bobagens!” “Tolices!” “Besteiras!” exclamava ela, agitando com

desdém um braço elegante. Em várias ocasiões o presidente teve de pedir à Nobre Senhora que voltasse ao seu lugar.

Irreprimível, irreverente, expressando-se infalivelmente com clareza, a Viscondessa Astor foi a mulher mais interessante da moderna política britânica. Mas não era apenas a comediante no majestoso recinto da Câmara dos Comuns. Era uma dedicada reformadora social, tentando continuamente melhorar a situação das mães operárias, elevar a idade legal para se deixar a escola, limitar as horas de trabalho das balconistas. Fazia ardorosas campanhas em favor de melhores habitações, da reforma penal e da temperança—sua primeira causa política.

Freqüentemente tentou convencer-me de que existia maior número de reformadores sociais convictos no Partido Conservador do que no Partido Trabalhista. Nunca me convenci, mas devo dizer que Nancy foi uma das grandes responsáveis pela transformação total da política conservadora de defesa do *statu quo* para a preconização de programas de bem-estar social. Conquanto ela criticasse severamente o que considerava as delinqüências do Partido Trabalhista, criticava seu próprio partido com igual aspereza.

—Alguns conservadores ainda estão na era de Noé—observou ela há 30 anos.—Não só continuam na Arca, mas nunca *olharam* para fora.

Com o correr dos anos formou-se uma numerosa coleção de “Astoris-

CLEMENT RICHARD ATTLEE, ex-Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha e líder do Partido Trabalhista, tornou-se 1.º Conde Attlee, Visconde Prestwood, em 1955.

mos", nome dado às suas frases mordazes. Uma vez disse ela à multidão em um comício eleitoral:

—Não sou oradora e nem o desejo ser. Tenho ouvido frases bonitas saídas das cabeças mais ôcas da Europa.

Sempre feminista, declarava sem subterfúgios:

—Devemos tornar o mundo seguro para os homens. Eles o tornaram terrivelmente inseguro para nós.

Sua exuberância levava-a algumas vezes a perder o fio da meada. Lembro-me bem de uma ocasião na Câmara, quando, depois de outro membro haver deplorado a baixa do índice de natalidade na Inglaterra, Nancy se levantou de um salto para perguntar:

—Não é verdade que, a despeito dos esforços pessoais de Mussolini, auxiliado pelo Papa de Roma, o índice de natalidade tem baixado na Itália?

A ambígua referência ao Papa provocou uma onda de gargalhadas, à qual ela se juntou alegremente.

Nancy deliciava-se em mordazes duelos orais. Uma ocasião, Jimmy Thomas, membro do Partido Trabalhista, que era hóspede freqüente dos Astor, sugeriu jocosamente que, quando seu partido atingisse o poder, Cliveden, a propriedade dos Astor, seria nacionalizada.

—Nesse caso, Sr. Thomas—repliquou Nancy—o senhor terá de pagar pensão, coisa que jamais fêz.

Parece que só Winston Churchill conseguiu derrotá-la.

—Se o senhor fôsse meu marido, eu envenenava o seu café—disse Lady Astor num famoso diálogo.

—Se a senhora fôsse minha mulher, eu o bebia—repliquou Churchill.

Os Langhorne da Virgínia. Nancy Astor nasceu em 1879 em Danville, Virgínia. Seu pai, Chiswell Dabney Langhorne, pertencia à geração empobrecida pela Guerra Civil Americana, mas na época em que Nancy nasceu, êle já havia restaurado sua fortuna e pôde dar às suas cinco atraentes filhas a esmerada criação do Sul de antes da guerra. Em Mirador, a propriedade da família, Nancy aprendeu a dirigir uma grande casa, a ser uma encantadora anfitriã e a montar a cavalo. Sua educação livresca foi escassa.

Aos 18 anos casou-se com um bostoniano simpático e culto que era alcoólico—fato que ela ignorava. Deu-lhe um filho, mas o casamento terminou em divórcio. A experiência deixou-a com um ódio permanente ao álcool; ela raramente provava qualquer bebida.

Numa viagem marítima à Inglaterra, em 1905, conheceu Waldorf Astor, filho mais velho de William Astor, um americano excêntrico fabulosamente rico, que se estabeleceu na Inglaterra e se naturalizara inglês. Waldorf Astor interessava-se por política e pouco tinha em comum com os elegantes *play-boys* que se desmanchavam em atenções em tórno da formosa Nancy. Ela achou sedutora a sobriedade dos

seus interesses assim como o fato de êle ser tão abstêmio quanto ela: êle não fumava nem bebia.

Em 1906, Waldorf e Nancy se casaram. O pai de Waldorf deu-lhes um belo presente: o enorme edifício vitoriano chamado Cliveden, uma casa que tinha 30 quartos de hóspedes e requeria 20 empregados para sua manutenção.

A vivaz americana, que sempre conservou seu sotaque virginiano, em breve se transformou numa das mais célebres anfitriãs da Inglaterra. Todo o mundo ia a Cliveden—políticos como Lorde Curzon e Asquith, o Primeiro-Ministro liberal; escritores como Rudyard Kipling e James Barrie; artistas, diplomatas e estadistas. O Rei Eduardo VII foi um dos hóspedes—bem como assistentes sociais desconhecidos.

Pioneira em Política. A estréia política de Nancy ocorreu em 1910, quando seu marido foi candidato conservador à Câmara dos Comuns por um distrito de Plymouth, infestado de favelas. Nancy fêz campanha com êle e pela primeira vez começou a falar em público. Sua técnica era simples: levantava-se simplesmente e falava de uma maneira tão desinibida e animada como se estivesse num salão. Descobriu que gostava da coisa.

Durante nove anos Waldorf Astor serviu na Câmara com distinção. Com idéias progressistas e grande interesse pela reforma social, foi um excelente guia e tutor para sua mulher. Quando seu pai, que se tornara

Visconde Astor, morreu em 1919, o filho, sucedendo ao título, foi automaticamente forçado a deixar sua cadeira na Câmara dos Comuns.

No ano anterior, as mulheres tinham obtido o direito de voto na Inglaterra e permissão para servir no Parlamento. E assim Astor pôde propor que sua mulher ocupasse seu antigo lugar. Ela era bem conhecida, naturalmente, dos eleitores de Plymouth e ganhou facilmente. Quando tomou posse, a primeira mulher a quebrar o monopólio masculino no Parlamento, o acontecimento deu manchetes em todo o mundo.

Seu primeiro discurso na Câmara, em fevereiro de 1920, foi em favor da continuação do contrôlo do comércio de bebidas alcoólicas existente no tempo de guerra. É duvidoso que tenha convertido muita gente à causa da temperança—sempre motivo de grande hilaridade na Câmara—mas ela persistiu obstinadamente em sua campanha. Em 1923 conseguiu fazer passar uma lei proibindo a venda de bebidas alcoólicas em bares a adolescentes de menos de 18 anos.

Sempre assídua em sua freqüência, Nancy Astor podia sempre ser encontrada na Câmara numa cadeira da segunda fila, da qual a Câmara lhe concedeu direito de propriedade, embora não exista um sistema formal de designação de lugares. Adotou também como uniforme parlamentar um elegante vestido ou costume prêto, com um toque de branco no pescoço ou nos punhos.

Sua carreira parlamentar estendeu-se por sete eleições (ela nunca perdeu) e 25 anos. Feminista fervorosa, estava sempre fazendo valer as reivindicações do seu sexo contra os esforços masculinos para manter as mulheres junto à lareira. Ela calculava astutamente o choque provocado por algumas de suas declarações; era a única maneira de conseguir atenção. O fato de hoje serem comuns as mulheres na política—há 25 atualmente na Câmara—deve-se em grande parte aos esforços de Lady Astor.

A compaixão pelo sofrimento humano era o seu outro motivo dominante. Tôda vez que surgia uma questão envolvendo mães indigentes, trabalho de menores, auxílio do governo à infância, Nancy podia ser encontrada do lado dos bons. Através de instituições particulares de caridade, prestou um enorme serviço aumentando a expansão das escolas maternais em tôda a Inglaterra.

Amplios Horizontes. Foi uma eloqüente advogada da Liga das Nações. Votou pela abolição da pena de morte, foi a favor da independência da Índia no início da década de 1930—flagrante heresia no Partido Conservador. Em uma importante área, entretanto, discordei dela profundamente: antes da Segunda Guerra Mundial ela acreditava que, apaziguando os nazistas, se poderia garantir a paz na Europa. Esse trágico erro compartilhado por milhões na Inglaterra, derivou-se do seu horror à guerra e não de qualquer sentimento pró-nazista. Ribbentrop, o

Ministro do Exterior alemão, foi uma vez a uma reunião em sua residência de Londres. Quando ela o cumprimentou, êle respondeu com a saudação do “Heil Hitler!”

—Não nos venha com essas tolices—retrucou Nancy, virando-lhe as costas.

Depois da guerra, ficou satisfeita em saber que seu nome fôra encontrado uma lista de inglêses que deveriam ser presos pela Gestapo, depois que a Alemanha conquistasse o país.

Profundo Respeito. A Segunda Guerra Mundial consistiu em duros anos para o Visconde Astor, que serviu como Prefeito de Plymouth durante a longa agonia do bombardeio da cidade. Em 1944 estava com a saúde abalada e hesitou em enfrentar outra campanha eleitoral ao lado dela, embora sempre houvesse sido seu principal auxiliar. Assim, Lady Astor anunciou que iria renunciar à carreira no fim do seu mandato parlamentar. Lorde Astor expressou pitorescamente suas dificuldades em acompanhá-la.

—Quando me casei com Nancy, atrelei minha carruagem a uma estrêla. Quando ela ingressou na Câmara, descobri que a atrelara a um bom V-2.

Lady Astor fêz um comovente discurso de despedida: “Estou profundamente triste por retirar-me. Parto com o maior pesar e o mais profundo respeito pela Câmara dos Comuns. Não creio que nenhuma outra assembléia do mundo fôsse

mais tolerante com uma estrangeira, como eu, e que lutava contra tantas coisas em que êles acreditavam.”

Tinha 66 anos quando se retirou da vida pública, cheia de vitalidade e animação como sempre fôra, mas um ano depois declarou:

—Sou um vulcão extinto.

Cinco anos mais tarde, entretanto, declarou à imprensa:

—Estranho como êses vulcões extintos têm uma tendência a rugir de vez em quando! Creio que sou agora uma espécie de vulcão rugidor.

Quando Lady Astor morreu, em maio de 1964, as homenagens choveram de tôdas as partes do mundo. Seja qual fôr o veredicto da História, a cinza vulcânica de sua memória não esfriará por muito tempo ainda.



Frases Pitorescas

Ah-Visos. Num restaurante: “Aceitamos cartões do Diners’ Club, Interlar, Cheque Verde e dinheiro também” (M. W.) . . . Numa tabacaria onde os cigarros são expostos no balcão: “Tire você mesmo . . . a sua conclusão” (S. S. B.)

Definições Definitivas. Esquizofrenia: estado em que duas pessoas podem viver com o orçamento de uma (R. W.)

Per-Verso. Consultei um mapa e descobri com horror que existe até um lugar chamado Nortundalor (Adapt. de *The Wall Street Journal*)

Ouvido por Aí. Num tribunal esquimó: “Onde estêve o senhor na noite de 11 de outubro para 3 de abril?” (*Quote*) . . . Entre amigas: “Você sabe como ela é—passa pela vida com a buzina disparada” (M. M.)

Re-Vistas. Aqui está um homem de alma tão insensível, que nunca proferiu para si próprio uns palavrões nem quando deu uma topada com o dedão no pé da cama! (E. K. B.)

EXCLAMAÇÃO de um pai preocupado: “Um belo dia, quando menos se espera, elas tiram o dedo da bôca e o transferem para o disco do telefone” (“The Lucy Show”)

E TEM o caso do menino que voltou da escola com um recado: queriam uma justificação por escrito da presença dêle (*Changing Times, The Kiplinger Magazine*)

JÁ EXPERIMENTOU o nôvo coquetel chamado Apito de Fábrica? Basta um, e você pode encerrar o expediente (“The Dick Van Dyke Show”, CBS-TV)